

O ESPÍRITO CRIADOR DO GUERRILHEIRO

Cel JAMES E. MRAZEK (Army, EE. UU. Junho, 1964).

Tradução do Maj Art Rubens Mário Jobim, Of de EM.

O que torna o guerrilheiro tão formidável?

Um surto de guerrilheiros no Vietname mantém um Golias em apêrto. Pensosamente relembramos que o heterogêneo exército de Castro derrotou fôrças dez vêzes superiores. Nos idos de 1940, foi necessária uma operação militar de grande envergadura, apoiada na esmagadora ajuda econômica norte-americana e em seu poder militar, para que o govêrno grego subiugasse os guerrilheiros nas fortalezas do norte. Com bandos de selvagens nômades, o misterioso Lawrence da Arábia cruzou, em dorso de camelo, desertos incrivelmente escaldantes, surpreendeu as guarnições turcas e quebrou seus grilhões na Arábia. Os rebeldes espanhóis esgotaram os marechais de Napoleão e transformaram a invasão "dos pequenos gigantes" em uma onerosa e vexatória "débâcle".

Estes exemplos selecionados ilustram a letalidade do vírus da guerrilha. A História revela que sômente uma campanha militar bem planejada e exaustiva pode erradicá-lo. Houve ocasiões, entretanto, em que nem isso foi suficiente. Na China, Iugoslávia e em Cuba, o vírus foi um assassino vitorioso.

Enfrentamos atualmente uma pergunta sem resposta: Uma vez que o vírus da guerrilha empeste um país, a que são devidas sua virulência e persistência?

FONTE DE PODER

É verdade que o guerrilheiro tem consciência de sua missão, é intensamente politizado, geralmente identifica-se com a população e frequentemente goza de seu apoio ativo, na região em que opera. Embora estas condições sejam indispensáveis, algo parece brotar de fontes muito mais profundas, do íntimo do homem, para dar à guerrilha grande poder. É uma qualidade sutil e fugidia e que por isso tem passado grandemente despercebida e desconhecida. Esta qualidade é criadora e intuitiva.

Lawrence da Arábia, êsse desconcertante e independente gênio militar, parece haver descoberto essa qualidade de modo puramente casual. Prêso à cama, arruinado pela doença e pelo desespero, após a

campanha para tomar Hejaz, meditou sobre a direção que essa guerra deveria tomar para quebrar os grilhões turcos. Carecendo dos homens e das armas de seus oponentes, sua missão parecia impossível. Para um homem menor, assim teria sido.

Sopesando os ensinamentos de Clausewitz, Saxe, Jomini e Foch, para responder a questões sobre essa guerra, Lawrence finalmente rejeitou-os, afirmando que eles "me indispunham com os soldados, aborreciam-me de glória servil, fazendo-me crítico de toda sua luz. No meu caso, meu interesse foi abstrato, concernente à teoria e à filosofia da arte de guerra, especialmente pelo lado metafísico".

Considerando a escassez de suprimentos turcos e sua dependência das vias férreas, Lawrence refletiu:

"A morte de uma ponte ou linha férrea turca... é mais proveitosa para nós que a morte de um turco. No exército árabe, no momento, somos parcimoniosos tanto em materiais como em homens. Os governos só vêem os homens globalmente; mas nossos homens, como irregulares, não constituem formações, são indivíduos.

"Na busca de condições ideais, poderíamos matar turcos, porque não gostávamos nada deles, mas a matança seria mero luxo. Se eles se fôssem quietamente, a guerra acabaria. Se não, nós os instigariamos ou procuraríamos pô-los para fora. Em última instância, seríamos obrigados ao desesperado caminho do sangue e às máximas de uma "guerra assassina".

Dessa forma, Lawrence começou a formular uma filosofia de longo alcance, que deveria orientar sua conduta na guerra e terminar pela vitória árabe — uma vitória que alguns disseram ter sido o golpe de misericórdia nas esperanças dos Podéres Centrais.

Suponede houvesse ele pensado: "... nós (os árabes) somos uma influência, uma idéia, uma coisa intangível, invulnerável, sem frente ou retaguarda, flutuando como um gás? Os exércitos (tradicionais) são como plantas, imóveis, firmemente enraizados, nutridos por longos caules até a copa. Poderíamos ser uma névoa flutuando onde nos aprouvesse. Nosso reino está na mente de cada homem; assim como não aspiramos a nada material para viver, bem poderíamos oferecer nada de material para a morte. Parece-nos que um soldado regular ficaria desorientado sem um objetivo, apenas com sua consciência, e somente destruindo o que, por ordem, atingisse com seu rifle".

Ao distinguir o indivíduo da massa, como uma peça autônoma, — à parte da estrutura das tropas regulares, "intangível", uma força independente para manobrar onde de sua escolha, com o intelecto livre e supremo — Lawrence transferiu para a guerra de guerrilha algumas das condições fundamentais da criação e também o que há de racional na criação, como a entendemos agora. Assim procedendo, deu ao intelecto a tarefa de compensar a diferença em força.

A AVENTURA DA CRIAÇÃO

Os estudiosos do comportamento humano, analisando a criação intelectual e procurando identificar o talento criador em outros campos, fizeram importantes descobertas e chegaram a valiosas conclusões sobre indivíduos criadores, que apresentam notável semelhança com guerrilheiros, suas operações e seu meio ambiente.

O indivíduo criador tem o "espírito da rebelião, pensamento discordante, que o leva constantemente a novas direções". Os criadores são classificados como tipos imaginativos ou intuitivos — pessoas que agem por instinto. Individualismo e não conformismo são suas características.

Uma autoridade observa: "É falso imaginar que a criação apenas acontece. A capacidade criadora é inerente aos seres humanos, mas a utilização desta capacidade é tarefa árdua. Não é passatempo "tirar cursos" ou "manter-se ocupado". Criação é trabalho que leva a algum lugar; é esforço persistente a caminho de um ideal".

O Dr. T. W. Adams, no "Army Research and Development News", também sustenta ponto de vista semelhante, ao criticar a administração, da qual reclama que "até agora tem falhado em compreender as características essenciais da aventura do pensamento criador". Diz, por exemplo, que todos os tipos de pessoas são potencialmente criadores, quando estão trabalhando sob intensa motivação e autodisciplina, no ambiente certo.

O criador é igualmente mais primitivo e mais cultivado, mais destrutor e mais construtivo, mais louco e mais sã do que homem comum. Com freqüência, e quase sempre inconscientemente, ressentem-se de muitas das pressões da sociedade, que o levam a resignar-se. "O ato criador, está verificado, resulta de uma ação recíproca entre o indivíduo e um meio — sociedade, lar ou negócios — modificando tanto o indivíduo quanto o meio", dificultando ou facilitando o "trabalho criador". A criação é melhor onde há liberdade, e a mente está aberta a idéias expressas. Como diz uma autoridade, "No indivíduo, sem levar em consideração a inteligência, (o espírito criador) resulta da falta de instinto para imitar os padrões culturais existentes. O processo criador é o surgimento em ação de um novo produto, resultante da originalidade do indivíduo, por um lado, e dos elementos, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias de sua vida, de outro".

O coronel Wendell Fertig, o líder guerrilheiro americano em Mindanao, nas Filipinas, durante a II Guerra Mundial, saúda a essência do espírito criador: "imaginação, engenhosidade e iniciativa" como as qualidades que viu se desenvolverem em seus homens, quando aprisionados. Isto produziu milagres, transformando recursos modestos em formidáveis armas de defesa.

O Marechal de Campo Sir Archibald P. Wavell cita o termo "heterodoxo" como símbolo de criação e diz que os que gozam dêste dom"... podem ser, às vèzes, mais eficientes que os regulares". Declara êle que Lawrence se tornou um líder bem sucedido porque, "... acima de tudo, não estava acorrentado aos grilhões prejudiciais da instrução e dos preconceitos profissionais". Sôbre o General Orde Wingate, soldado heterodoxo, escreveu êle: "Era antes um original, inteligente, mas excêntrico...".

A liberdade é condição indispensável para a criação, e aqui o guerrilheiro é afortunado. Opera em dois ambientes livres — um intelectual e outro físico.

Leis impostas pelos governos aos governados, regras e regulamentos aos soldados, e costumes à sociedade — cada qual dizendo ao homem o que êle pode e o que não pode fazer — restringem a liberdade intelectual e física. O pensamento e ações do indivíduo acabam por se conformar às leis e normas da sociedade; êle hesita em pensar sôbre novas e diferentes coisas, temendo tanto a "proibição" quanto o rótulo de "excêntrico".

LIBERDADE PARA CRIAR

Virtualmente nenhuma lei cerceia o guerrilheiro. Verifica-se, geralmente, ser êle um fugitivo, ou ter sido condenado por um dado govêrno ou sociedade. Em qualquer dêsses casos, a presença ameaçadora da lei não mais está suspensa sôbre êle, e assim, em certo sentido, recupera êle a liberdade que lhe fôra tirada. À proporção que um movimento de guerrilha se desenvolve e acumula fôrça e sabedoria, uma forma de govêrno pode surgir; algumas leis podem ser codificadas, criando um sistema legal rudimentar. A despeito dessas leis, entretanto, no meio operacional da selva ou das montanhas, ou onde quer que o guerrilheiro realize suas operações, a lei é rudimentar e êle ainda é completamente livre em movimento e ação.

O guerrilheiro é um renegado, um perseguido, forçado a prosseguir sôzinho, afortunado se tem a companhia de alguns poucos companheiros. Seu intelecto é aguçado na luta forçada pela autopreservação. Para utilizar recursos naturais da terra à sua volta, para empregar as armas, munições e outros suprimentos que capturou, desenvolve iniciativa e intuição, que forçam seu intelecto à inovação e à invenção. Lawrence também manipulou recursos, adquirindo ilimitado potencial, raramente alcançado pelo exército regular, dependente de rações e de outros suprimentos regulamentares. Sua fôrça em homens, apesar de marginal, "representava, como dizia êle, a vantagem (total) neste ambiente de guerra que era o nosso. Se nos apercebêssemos do material bruto de que dispúnhamos e nos habilitássemos a empregá-lo, então o clima, a ferrovia, o deserto e as armas técnicas poderiam também servir ao nosso

interesse". Manipulando tais recursos, muitas vezes nebulosos e imprevisíveis, venceu êle a guerra.

Novas maneiras de matar foram criadas por outros guerrilheiros — armadilhas refinadas, covas assoalhadas com bambus pontiagudos, atalhos preparados com bambus de pontas afiadas que saltam e empalam o descuidado, ou passagens subterrâneas, como as que acabamos de descobrir no Vietnãme, para manobrar ou ocultar forças. Pistolas são embutidas em cachimbos; armas-relâmpagos e cachimbos explosivos resultam de uma diabólica arte criadora.

Os guerrilheiros também criam suas próprias táticas e sua estratégia, — uma marca registrada local, inteiramente condicionada às circunstâncias do momento, a mais conveniente para iludir o inimigo. Lawrence não deplorou o fato de lhe faltarem soldados treinados, ou princípios de guerra para o guiarem, ou massas organizadas obedientes a comandos formais. Considerava antes sua posição mais afortunada, com a ausência desses elementos. "Nossos soldados de jardim-de-infância estavam dando início à nossa arte da guerra", como afirma, "na atmosfera do Século XX, recebendo nossas armas sem preconceitos".

"Combates na Arábia". declara Lawrence, "são um erro, uma vez que nêles ganhamos apenas a munição que o inimigo abandona".

"A nossa (a guerra contra os turcos) deveria ser uma guerra de isolamento. Deveríamos conter o inimigo pela ameaça silenciosa do vasto deserto desconhecido, sem nos descobirmos enquanto não agíssemos... A interrupção da linha férrea seria geralmente feita, deixando um trecho sem trilhos; e quanto mais trechos assim vazios, maior o sucesso tático. Deveríamos tornar nossa maneira de atuar uma regra e adquirir o hábito de jamais nos empenharmos contra o inimigo.

"Nada tínhamos de material a perder, assim nossa melhor linha de ação era nada defender e em nada atirar. Nossos trunfos eram a velocidade e o tempo, não o poder de choque... A extensão da Arábia valia mais que o poderio dos exércitos".

Como um artista, experimentado e criando, o guerrilheiro usa as florestas indevassáveis, as montanhas íngremes, os suprimentos que capturou, para criar suas próprias armas.

GUERRILHAS E COMUNISMO

A despeito de estarmos inclinados a acusar o movimento comunista internacional de insuflar os descontentes a se tornarem guerrilheiros, ou a também acusá-lo de apoiar muitos dos movimentos de guerrilha dos últimos anos, sabemos que êsses movimentos tomaram imprevisíveis ângulos titoístas, que se revelaram atrozmente embaraçosos, e que têm feito vacilar o comunismo internacional. O mundo ocidental que tire o consólo que puder de tais movimentos terem justamente originado os primeiros reveses sérios sofridos pelas várias ramificações do comunismo internacional.

Embora muitos líderes guerrilheiros e movimentos de guerrilha possam ter inclinações socialistas ou comunistas, e ser dirigidos pelo comunismo, uma vez tenham os guerrilheiros provado a liberdade e gerado novas idéias, tornam-se cada vez menos inclinados à escravizante aceitação da inflexível ideologia comunista. Desviam-se, segundo correntes independentes, para formar seu próprio govêrno e instituições sociais, — comunistas, mas adaptados às necessidades locais e às suas próprias idéias criadoras.

Isto ficou perfeitamente comprovado, com alguns desvios surpreendentes do comunismo, desde a II Guerra Mundial. Os regimes da China e da Iugoslávia, da Albânia e de Cuba, cada um dêles surgido de movimentos de guerrilha, desviaram-se das formas tradicionais do comunismo e prosseguiram em sua autonomia e independência de Moscou. Os da Tcheco-Eslováquia, Polônia, Bulgária e outros países da Europa Central, onde o comunismo foi impôsto do exterior e sem o apoio de movimentos de guerrilha, seguiram a linha de Moscou e são, em certo sentido, verdadeiros satélites.

Em consequência, é obvio que Moscou olha com suspeita líderes guerrilheiros como Tito, Castro, ou quaisquer outros novos, sejam rosados ou vermelhos, porque êsses líderes indubitavelmente evitarão quaisquer vínculos que lhes tire a liberdade de seguir seu caminho à parte.

A NOVA LUZ

Em conclusão, uma nova luz é lançada sôbre um velho fenômeno. Há uma relação real, vital, entre espírito criador, intuição e o meio ambiente, de um lado; e força, capacidade de resistência e ações de guerrilheiros isolados ou de bandos irregulares, de outro.

O homem continua sendo o ingrediente essencial, na guerra. Mas a guerrilha nos mostra que há algo mais além da força material e do treinamento tradicional. Revela-nos que o intelecto criador, deixado livre na guerra, é capaz de compensar a escassez de armamento.



Nenhuma resposta recebo que não seja a pronta dispersão e submissão dos rebeldes.

Caxias